

Índice

Em guarda com o coronavírus, relaxados a outras ameaças.....	1
“A mulher é chave na mudança social necessária”	2
“La tradición cosmopolita”	4
“Lamento de uma América em Ruínas”	4

Em guarda com o coronavírus, relaxados a outras ameaças

Com os esforços em prol de uma vacina contra a covid-19 como eixo de interesse mundial neste momento, tudo o resto passou para um segundo plano, incluindo a atenção dada a muitas doenças contra as quais se lutou com sucesso crescente nas últimas décadas e que, devido ao silêncio atual em torno delas, parecia que se teriam erradicado.

Como com o dinossauro de Augusto Monterroso, quando a humanidade abrir novamente os olhos, a tuberculose, a malária e o VIH ainda estarão por cá e, possivelmente, com mais força. Um estudo realizado por investigadores do Medical Research Council Centre for Global Infectious Disease Analysis, publicado pela [“The Lancet”](#) (13.7.2020), admite o cenário que teremos devido ao volume de recursos e tempo que está a exigir a investigação para eliminar o coronavírus, e que se traduz numa menor margem de ação e menor financiamento para prevenir, diagnosticar e curar ou atenuar os efeitos dos outros males existentes.

Segundo os modelos de análise empregados pelos autores, ao fim de cinco anos, as mortes por VIH podem vir a aumentar 10 %; as causadas pela tuberculose, 20 %, e as de malária, 36 %.

A tuberculose (TB) está no [top ten das causas de morte](#) no plano global, e ocupa o primeiro lugar entre as doenças infecciosas. A Organização Mundial de Saúde (OMS) calcula que,

em 2018, essa doença afetou 10 milhões de pessoas, das quais, 1,1 milhões eram crianças (morreram mais de 205 000).

Essa doença pode ser tratada e curada. Estima-se que o diagnóstico correto e a terapia contra a TB conseguiram salvar 58 milhões de vidas entre 2000 e 2018. Mas com o coronavírus em cena, isto pode mudar.

Por um lado, certos meios que são utilizados para diagnosticar a TB aplicam-se agora à deteção da covid-19. É o que acontece com o teste GeneXpert, produzido por uma empresa norte-americana, que vê um melhor mercado nos testes do coronavírus e aumentou o preço do *kit* de cinco para 20 dólares.

Os especialistas do estudo da “The Lancet” advertem igualmente que “o maior aumento nas mortes por TB terá origem nos prolongados períodos de redução do diagnóstico e tratamento dos novos casos”. A interrupção do atendimento e dos fornecimentos necessários pode fazer disparar as mortes durante anos, na medida em que se venham a prolongar os períodos sem tratamento e os infetados continuarem a contagiar mais pessoas. A *web* da OMS salienta que um doente de tuberculose pode infetar entre cinco e 15 indivíduos num ano se não se evitar que entre em contacto com eles.

Também a malária, que se transmite pela picada de um mosquito que inocula um parasita no corpo humano, tem agora perante si o campo mais livre. Segundo os investigadores do Medical Research Council Centre, o perigo de se adiarem as atividades de prevenção, como a entrega comunitária de mosquiteiros polvilhados com inseticida ou a desinfestação casa a casa, pode disparar os contágios por dezenas de milhares de casos.

A maior parte das infeções por malária localiza-se na África subsariana (93 %). Se as atividades de prevenção forem muito afetadas nesse continente devido às medidas contra a covid-19, “o número de doentes (...) em 2020 pode ter duplicado em relação a 2019. Somente na Nigéria, reduzir a gestão dos casos durante seis meses e atrasar a campanha de entrega de mosquiteiros pode provocar mais 81 000 mortes”.

Resta, por último, a SIDA. No final de 2019, 38 milhões de pessoas viviam com o VIH, [segundo números do ONUSIDA](#). Nesse ano, 690 000 afetados morreram por causa de doenças associadas (como a TB), 60 % menos do que em 2004, quando os falecimentos atingiram os 1,7 milhões.

Relativamente à diminuição de números fatais, um artigo da [“The Economist”](#) (8.7.2020) a respeito da Conferência Internacional sobre a SIDA, referiu o curioso paradoxo de que, graças aos avanços conseguidos no combate contra o VIH, este saiu um pouco do radar de muitas pessoas. Isso constitui um risco: não se preocupar de que continua a ser um problema, pode fazer com que regresse aos níveis prévios de expansão.

Além disso, o dinheiro dedicado a enfrentar a doença nos países de rendimentos médios e baixos caiu em 2018 e 2019, ao mesmo tempo que, tendo em conta o sucesso alcançado pelos tratamentos com antirretrovirais (ARV), os custos destes fármacos subiram.

É neste contexto que surgiu a atual pandemia. Diz a publicação britânica que “a deterioração económica causada pelo novo coronavírus, implica que talvez o VIH não mantenha o seu estatuto de assunto prioritário para os ministros das Finanças. Além disso, a covid-19 é apresentada como uma ameaça ao fluxo contínuo de ARV. Por exemplo, até meados do ano passado, dezenas de países já haviam enviado relatórios à OMS sobre a interrupção dos serviços que proporcionavam esses medicamentos. Nesses locais, viviam 11,5 milhões de recetores de ARV, 45 % do total mundial”.

Isto coincide com a análise dos autores da investigação na “The Lancet” e com o ONUSIDA: a interrupção das campanhas de prevenção e das terapias com ARV como “baixa colateral” do atendimento do coronavírus, pode fazer disparar os números do VIH. Somente entre a população infantil, um “congelamento” de seis meses nos serviços de prevenção da transmissão mãe-filho pode levar as infeções em crianças a aumentarem 162 % no Malawi e 139 % no Uganda, para dar apenas dois exemplos.

Incidência global das epidemias atuais (fontes: OMS, ONUSida)			
Doenças	Período	Novos casos	Falecidos
Covid-19	Dez. 2019 - Set. 2020	25,2 milhões	847 000
Tuberculose	2018	10 milhões	1,5 milhões
Malária	2018	228 milhões	405 000
Sida	2019	1,7 milhões	690 000

“A mulher é chave na mudança social necessária”

Isabel Sánchez Serrano (Múrcia, 1969) é a mulher que ocupa o cargo mais importante na direção do Opus Dei. Desde 2010, é a secretária central da Assessoria, o organismo composto por mulheres que prestam assessoria ao prelado no governo da instituição. Esta licenciada em Direito vive em Roma desde 1992 e lidera mais de 50 000 mulheres que fazem parte do Opus Dei em 70 países.

Sánchez Serrano publicou na editora Espasa [“Mujeres brújula en un bosque de retos”](#), um livro que recolhe as experiências de 75 mulheres que trabalham nos cinco continentes impulsionando projetos sociais para melhorar o seu meio.

— *Como nasceu este livro?*

— Em 2019, aquando da beatificação em Madrid de Guadalupe Ortiz de Landázuri – uma das primeiras mulheres do Opus Dei –, [fui entrevistada](#) pelo diário espanhol “El Mundo”. A editora Espasa leu essa entrevista e passado pouco tempo propuseram-me que escrevesse um livro. Embora desde muito jovem gostasse de escrever, nunca havia pensado em publicar um livro e ainda menos me passara pela cabeça que tivesse algo de interessante para contar. No entanto, examinando esta proposta, dei-me conta de que, embora a minha vida fosse absolutamente normal, devido à minha missão no Opus Dei e ao meu trabalho no governo desta instituição, tive a sorte de conhecer muitas pessoas dos cinco continentes, que me enriqueceram e que me ajudaram a enfrentar com o seu exemplo numerosos desafios pessoais e profissionais. No meu livro, faço a recolha de algumas das suas histórias que mais me marcaram.

— *E o título?*

— Poderia ser lido de modo inverso: numa floresta da desafios, mulheres bússola. Considero que nos calhou viver uma época de mutação, complicada e complexa, uma época onde não é fácil ver a luz. Isto deixa-nos, por vezes, desorientados. Daí que, necessitemos de bússolas, mas de carne e osso, com existência real, com história, com um caminho, com princípio e fim. Exemplos que nos deem luz, força e sentido.

— *Em determinada altura, qualifica estas mulheres de influencers. Porquê?*

— Porque são mulheres que tiveram um impacto na minha vida e podem tê-lo na de outros. Ouvindo e convivendo com elas, foi-se alargando o meu olhar sobre o mundo. Ensinaaram-me que o sofrimento, a vulnerabilidade e até o erro podem ser caminhos de aprendizagem e crescimento. Confirmaram-me que, para fazer novo o mundo, temos de renovar as pessoas, pois à medida que opta pelo bem, a própria pessoa torna-se boa e

esse bem difunde-se, transformando o meio circundante e inspirando outros.

— *Todavia, a maioria das histórias é protagonizada por pessoas comuns e não existem protagonistas de grandes proezas...*

— Efetivamente, são representantes da liderança de rua. Gente da rua, como Flor, que humaniza os frios corredores do seu hospital em Moscovo; ou a mulher argentina, que converte a sua cozinha num campo de boxe onde o perdão e o rancor se envolvem numa luta que, no final, a leva a acolher o marido que a abandonou. É a história de Ana, a lutar para aceitar pacificamente a morte que lhe anunciam na plenitude da sua vida, ou a de uma jovem com síndrome de Down que me ajudou a olhar a vida com uma maior sensibilidade.

Não são histórias inacessíveis, porque têm em comum os cenários quotidianos e as paixões mais universais. Talvez nunca deem títulos de jornais, mas protagonizaram grandes gestas, porque fazer vencer dentro de nós o bem, é sempre um motivo para se esforçar.

— *O livro centra-se nas mulheres. Quis excluir os homens?*

— De modo nenhum. Como se lê muitas vezes no texto, não imagino que possamos moldar um mundo novo se não trabalharmos em uníssono homens e mulheres. Pretendo evitar o antagonismo em que, às vezes, se costuma apresentar o binómio homem-mulher. Aprendi muito com professores, amigos, chefes, colegas, mas logicamente, ao ocupar-me mais diretamente de projetos liderados por mulheres, estabeleci um contacto mais profundo e constante com elas e, por isso, posso contar as suas histórias em primeira mão. Por outro lado, desde o início, a editora disse-me que seria muito interessante sublinhar o fator feminino neste livro.

Isso não significa que seja dirigido só a mulheres, nem pouco mais ou menos. De facto, espero que o leiam muitos homens.

— *Qual é o objetivo do livro?*

— Gostaria muito que este livro provocasse diálogos, que estimulasse conversas entre amigos sobre temas tão relevantes como a educação, a igualdade de direitos entre homens e mulheres, a construção da paz, os cuidados para com o planeta e o desejo de Deus. São questões universais que nos afetam a todos, das quais somos protagonistas.

Não é que eu tenha a solução nem as respostas que, por outro lado, não são únicas nem simples. Quero sim lançar interrogações para fazer com que possamos escutar, trabalhar juntos, superando antagonismos ou posições conflituosas. Fujo do discurso polarizado; quero procurar o que une. Acredito firmemente na amizade como valor social.

— *Insiste muito no valor do diálogo. Porquê?*

— Porque é o *produto Premium* dos seres humanos e, no entanto, usamo-lo pouco e, por vezes, mal.

O contexto atual expressa-se com certa frequência num tabuleiro antagónico onde jogam todos contra todos: homens contra mulheres, raças contra raças, culturas contra culturas, religiões contra religiões. Em última análise, eu contra ti, sempre e em tudo, como ponto de partida.

O objetivo deste livro é estender pontes, não levantar muros. Não criar ilhas. Sair em busca do outro (incluindo Deus), sem etiquetas, sem preconceitos, com abertura. Mas se não podemos partilhar verdades e incrementá-las, anulamos o valor do diálogo.

— *Com uma certa frequência critica-se a Igreja por relegar a mulher. Acha que a mulher pode exercer uma liderança no âmbito eclesial?*

— O Papa Francisco tem repetido que as mulheres na Igreja devem ser valorizadas, não clericalizadas. De facto, penso que algumas das críticas à Igreja neste campo vêm precisamente do clericalismo de quem pensa que, na Igreja, o importante são os sacerdotes, a carreira eclesiástica, os aspetos institucionais ou organizativos.

E, neste sentido, a contribuição feminina vai muito além da mera funcionalidade no âmbito eclesiástico. O mais importante que a mulher, como mulher, pode fazer na Igreja, fá-lo no mundo. Não tem uma maior importância, nem se converte em arquétipo da sua missão cristã, o trabalho em instituições eclesiásticas ou o serviço do altar.

Esta visão clerical dilui o importante papel dos leigos na Igreja, mulheres mas também homens. Parece-me possível e desejável que vejamos muitas mais mulheres e homens leigos a trabalhar em dicastérios do Vaticano, em cúrias diocesanas, em conselhos paroquiais; que floresçam teólogas, que possam trazer novas luzes a essa ciência; que muitas mais santas cheguem aos altares e, sobretudo, que milhões de cristãs comuns mergulhem as raízes do seu quotidiano na novidade do Evangelho e consigam deixar esses valores como legado em seu redor.

Mas tudo isto exige um fino trabalho de crivo sobre que tarefas cabem ou não ao ministério sacerdotal. Além disso, é preciso examinar profundamente a contribuição que o olhar feminino pode dar à abordagem e solução das diversas questões. Neste ponto, parece-me que há muito caminho a percorrer...

A. S. N.

“La tradición cosmopolita”

“The Cosmopolitan Tradition”

Autora: Martha C. Nussbaum
Paidós. Barcelona (2020)
326 págs.

Desde os cínicos e estoicos, com Cícero, Hugo Grócio e Adam Smith entre os seus melhores representantes, a tradição cosmopolita defende a igual dignidade de todos os seres humanos e a existência de uma solidariedade universal – também com os estrangeiros – e os correspondentes deveres de justiça e ajuda. É, como diz o subtítulo desta obra, “um nobre e imperfeito ideal”, nunca realizado de todo.

[Martha C. Nussbaum](#) (ver “Aceprensa”, 28.5.2012) percorre essa tradição e afirma, com ela, que toda a humanidade constitui uma comunidade moral devido à consciência e à liberdade que é própria de todos. Os direitos humanos não são concessão do Estado, pois a raiz da dignidade é a pessoa. Mas como o homem é um ser social, a soberania nacional é a expressão coletiva da autonomia individual. Daí as suas sérias dúvidas em relação à legitimidade, para não dizer a eficácia, da ingerência humanitária.

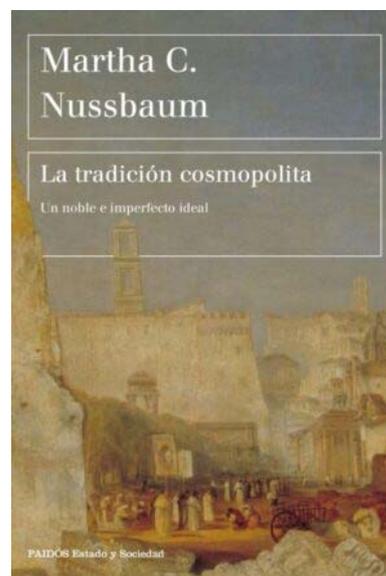
A tese principal do livro é uma firme defesa da obrigação de prestar ajuda material, não apenas de proteger a vida e as liberdades. Nussbaum não admite uma diferença essencial entre os direitos humanos de “primeira geração” (civis e políticos) e os de “segunda geração” (económicos e sociais). Nega que se distingam por aqueles serem de justiça estrita e estes indeterminados: o dever de dar alimento a quem não tem é tão verdadeiro, como o de respeitar o livre exercício do culto. Não se distinguem muito menos por serem os primeiros de aplicação imediata, pois, tal como os segundos, exigem gastos para se tornarem efetivos (as eleições, os tribunais... custam dinheiro). A miséria não deixa intactos os direitos civis, porque impede o desenvolvimento pessoal necessário para os exercer. Uma vida à altura da dignidade humana exige a possibilidade de cultivar as capacidades próprias, e como para isso são imprescindíveis recursos (saúde, educação...), é obrigatório disponibilizá-los. Trata-se do “enfoque das capacidades humanas”, que Nussbaum expôs noutra obra, “[Emociones políticas](#)” (ver “Aceprensa”, 8.10.2014).

Assente o princípio, Nussbaum dá mostra de realismo ao assinalar a escassa eficácia da ajuda humanitária internacional. Não se promove realmente o desenvolvimento, se não se mobilizarem as energias do país em causa, nem se fortalecem as suas instituições, e isso não se consegue limitando-se a dar fundos nem com projetos desenhados por especialistas. Uma campanha de vacinação não é desenvolvimento; é desenvolvimento fazer crescer pouco a pouco um sistema de saúde próprio, que se sustente com pessoal e recursos do lugar em

apreço. Isso é muito mais complexo do que as mensagens de organizações filantrópicas que convidam a escolarizar uma criança com um donativo de determinada quantia por mês.

Não é paradoxal, portanto, que Nussbaum aposte no cosmopolitismo e defenda a soberania nacional. A fraternidade universal é vazia, afirma, se não se encarnar primeiro na solidariedade entre os mais próximos, da família ou do país. A humanidade cosmopolita não é uma multidão indiferenciada: é a comunidade das pessoas distribuídas em sociedades diversas, de acordo com a história e a cultura comuns.

R. S.



“Lamento de uma América em Ruínas”

“Hillbilly Elegy”

Realizador: Ron Howard
Atores: Amy Adams; Glenn Close
Duração: 110 min.
Ano: 2020

Este filme baseia-se numa história real, já publicada em livro e agora passada para a tela. Mais do que um filme sobre a questão da “superação”, é uma abordagem muito realista e crua sobre “como decidir bem”...

A narrativa acompanha a vida de um rapaz inserido num contexto familiar de grandes dificuldades emocionais e laborais. As relações entre as várias gerações da família são problemáticas e isso tem um impacto direto nas suas vidas profissionais. A instabilidade pessoal leva a uma progressiva “descida aos infernos”. Colocar um travão às atitudes destrutivas não é fácil... até que uma das pessoas mais experientes decide enfrentar o desafio com frontalidade. Não vai agir de forma genérica, mas vai dar uma “ferramenta” prática e útil para que o rapaz possa crescer, deixando o ciclo vicioso em que se encontra. Dá-se então o choque com a liberdade: que vai fazer o jovem? Irá corresponder aos estímulos recebidos e esforçar-se mesmo? Irá dar algum passo?

O filme interpela a todos de forma imediata: até que ponto se está disposto a mudar e a querer de facto melhorar, realizando gestos concretos... ou então, deixando o filme da vida avançar, sendo um simples figurante?

Tópicos de análise:

1. Avaliar o problema com clareza já é ir ao encontro da solução.
2. Lançar um desafio orienta o outro a dar um passo concreto.
3. Cultivar os laços familiares desenvolve o equilíbrio emocional.

[Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE

